

# A AÇÃO DE CAXIAS NAS CRISES INTERNAS

Major EGON BASTOS,  
Aluno da ESCEME

## SUMÁRIO

1. O IMPÉRIO ATÉ 1850
2. AÇÃO DE CAXIAS NAS CRISES INTERNAS
  - a. Primeiras ações
  - b. No Maranhão
  - c. Em São Paulo
  - d. Em Minas Gerais
  - e. No Rio Grande do Sul
  - f. Como homem público
    - (1) Presidente do Conselho
    - (2) Ministro da Guerra
    - (3) Conselheiro de Estado

### 1. O IMPÉRIO ATÉ 1850

As idéias liberais do século XVIII, a independência americana, a revolução francesa, a liberdade da América espanhola e, a par de tudo, a capacidade reconhecida pelos brasileiros de gerirem seus próprios negócios e destinos foram as causas do 7 de setembro de 1822.

Existindo no BRASIL um príncipe de sangue, que se mostrou inclinado pelos interesses dos brasileiros, os líderes políticos, em maioria, decidiram abrir mão de suas divergências para se unirem em torno de uma fórmula institucional, que se permitisse fazer a Independência, sem os perigos que oferecia uma mudança radical do regime político tradicional: a Monarquia Representativa.

D. PEDRO I foi aclamado Imperador Constitucional.

Fôrças portuguesas, fiéis à metrópole, que ocupavam vários pontos do território, reagiram. A ordem política foi imposta às províncias recalcitrantes. Os remanescentes das tropas portuguesas expulsos do país.

Em 1823, a Assembléia Constituinte se reuniu e logo se transformou em palco das lutas entre as correntes de opinião. As idéias liberais chocam-se com as tendências absolutistas do Imperador.

O espírito liberal para as classes cultas vinha da Monarquia Parlamentar inglesa onde se conciliou o direito divino dos Reis com o poder



soberano do povo; dos direitos do homem e da Nação governada pelo povo e para o povo da Revolução Francesa; da defesa das liberdades civis e da Federação dos EUA.

Para as classes menos cultas era talvez mais um anseio sentimental.

Na Assembléia, a oposição sistemática vai fazer com que D. Pedro I mostre a sua tradição monárquica absolutista.

Dissolve a Constituinte e exila os inimigos políticos.

A nova Carta foi elaborada por um Conselho de Estado, com a inovação do *poder moderador* do Monarca, com ingerência no Legislativo, Executivo e Judiciário.

Em síntese, pela Carta, o govêrno seria unitário, fortemente centralizado; o Legislativo com organização bicameral:— Senado vitalício e Câmara eleita por quadriênio. O Imperador era assistido por um Conselho de Estado, de sua livre nomeação e permanente, tendo o direito de dissolver a Câmara quando julgasse necessário. Essa Constituição, a primeira do BRASIL, foi jurada pelo Imperador, em 1824.

O espírito liberal de várias Províncias levou-as a se rebelarem. Rebenta a Confederação do Equador com caráter republicano e separatista. A revolução era uma continuação dos movimentos liberais, que vinham desde 1817, agitando o Nordeste. O pretexto foi a outorga pelo Imperador da Carta Constitucional, que não fôra aprovada pelas Províncias. A repressão foi violenta.

A distância era, cada vez maior, entre o Imperador e as correntes políticas brasileiras. Sua impopularidade, oriunda de suas tendências absolutistas, da campanha Cisplatina, dos desregramentos de sua vida particular, da oposição sistemática da imprensa, da questão dinástica portuguesa, tornou-se insustentável. Regressando de uma viagem a Minas teve a medida do descontentamento popular. Diante dos conflitos travados entre elementos brasileiros e portugueses, chamou os liberais ao poder, tentando atrair de nôvo as simpatias do povo. Organizou um Ministério Popular mas os motins continuavam. Em represália demitiu o Gabinete e constituiu outro com os “marqueses”.

O povo protestou e em resposta declarou que “estava pronto a tudo fazer para o povo; mas nada pelo povo”. As tropas da cidade solidarizaram-se. Diante da pressão, o Imperador resolve abdicar — 7 de abril de 1831. O gesto de FRANCISCO DE LIMA E SILVA, comandante da guarnição da capital deu margem a que o Exército entrasse na política partidária.

O período regencial caracterizou-se pela freqüência das lutas civis, que ameaçavam desmembrar o BRASIL. A energia dos estadistas durante êsses 9 anos conseguiu afastar as causas e prevenir as crises, que pareciam irremediáveis. A luta política dos partidos e as lutas internas pelo poder ameaçaram a unidade brasileira, sob os pretextos da reforma constitucional e das questões parlamentares.



Tôdas as idéias tinham seus defensores. Todos se julgavam em condições de salvar o país. A confusão era geral a começar pelo governo que não se entendia.

Havia os *liberais moderados*, que obtiveram o poder com a abdicação de D. PEDRO I; os *liberais exaltados*, em oposição ao governo e partidários da federação e da república; os *restauradores*, de tendência saudosista e partidários da volta do Imperador.

A Regência Provisória, eleita pelo Senado e pela Câmara, e da qual fazia parte o General FRANCISCO DE LIMA E SILVA, concedeu anistia aos acusados de delito políticos, expurgou do Exército os elementos duvidosos e reintegrou o Ministério alijado por D. PEDRO I.

A Regência Trina, eleita em 1831, manteve o General LIMA E SILVA e deu ao Padre FEIJÓ a Pasta da Justiça. Esta era importante na manutenção da ordem e da disciplina, constantemente arranhadas pelas arruaças das correntes políticas que disputavam o poder e se opunham ao governo.

A imprensa açulava desabridamente a campanha da calúnia e da ofensa pessoal a que não poupava governantes e governados, gerando descrédito, desconfiança e mal-estar geral.

Não fôsse a habilidade e energia de FEIJÓ, os motins e levantes, registrados na capital do Império, teriam levado o país à anarquia e à fragmentação. Foi criada, em 1831, a *Guarda Nacional*. Recrutada “nas classes que tem o que perder”, e que por isso mesmo estavam interessadas em manter a ordem, reforçou a ação do Exército, estendendo-a a todos os pontos do país.

A criação e organização de organismos militares, todos com a finalidade de policiar a cidade, proibindo ajuntamentos públicos e pregação de desordem, garantiu à Regência Trina o cumprimento de sua missão. As revoltas foram infrutíferas devido à ação pronta daquelas Unidades e a maneira de agir do Major LIMA E SILVA.

Os levantes sediciosos nas Províncias, orientados por *liberais exaltados* ou pelos *restauradores* eram o reflexo do que se passava na capital do Império.

Em meio a êsse ambiente de agitação, surge o *Ato Adicional de 1834*, primeira reforma da Constituição. Dava maior autonomia às Províncias; transformava a Regência Trina em Una, com mandato por 4 anos; mandava eleger o Regente por sufrágio universal; incapacitava-o de dissolver a Câmara e suprimia o Conselho de Estado. Tinha acentuada forma descentralizadora.

O primeiro Regente foi FEIJÓ, candidato dos *moderados*, eleito em prélio tumultuoso foi empossado em 1835.

Não foi obtida a harmonia na política.

O período regencial continuou agitado.

O levante dos Farrapos logo assumiu caráter republicano e separatista.



A habilidade e a energia de FEIJÓ não puderam conter a oposição que aumentava. Lutou no Parlamento contra oposição numerosa e bem arregimentada. Perdeu colaboradores preciosos. Acabou renunciando. Passou o governo a ARAÚJO LIMA, Presidente do Senado, em 1837.

A questão da maioria vinha tomando vulto. Alegava-se que as constantes perturbações da ordem eram devidas a inexistência de um ocupante do trono imperial.

Dando fim a esta questão que se precipitava, D. Pedro II assume o governo depois de um "quero já" incisivo.

A Assembléia de 23 de julho de 1840 assistiu ao seu juramento, com apenas 14 anos e 7 meses. Seu primeiro Ministério foi de *liberais*.

A partir de 1840, *liberais* e *conservadores* revezavam-se no poder, com certa periodicidade. Entre eles, nos estatutos e nos princípios, não havia incompatibilidades incontornáveis; diferiam apenas porque os *liberais* eram mais descentralizadores, defendiam mais acirradamente a tese das municipalidades e províncias autônomas e tinham cunho mais reformista. A oscilação desses partidos no poder vai durar mais de uma década, até a inauguração da chamada *política de conciliação*.

A primeira grande tarefa imposta ao segundo reinado foi obter a pacificação interna do país. A unidade do Império estava ameaçada pelos dissídios regionais, que hostilizavam e combatiam o poder central.

No MARANHÃO, a *Balaçada*, era o reflexo das lutas partidárias.

A substituição do Ministério por elementos reconhecidamente conservadores, o restabelecimento do Conselho de Estado e a fraude alegada contra os liberais, apeados do poder nas eleições, foram as causas das revoluções de MINAS e S. PAULO, em 1842.

No RIO GRANDE, a revolução *Farroupilha* desenvolveu-se de 1835 a 1845.

A insurreição de 1848 em PERNAMBUCO foi o último movimento armado interno no Império. Os liberais estavam no poder e caíram. Decidiram não entregar o governo. Foram derrotados. Estava encerrado o ciclo de agitações, normalizando-se o governo no país, que teria sérios problemas externos a resolver.

## 2. AÇÃO DE CAXIAS NAS CRISES INTERNAS

### a. Primeiras ações

Pertencendo ao Batalhão do Imperador, tomou parte na expedição que expulsou o General MADEIRA, que insistia em não reconhecer a Independência e permanecia na capital baiana. Recebeu sua primeira citação, por atos de bravura.

Segue depois para a campanha Cisplatina.

Por ocasião dos acontecimentos que terminaram no 7 de abril de 1831, vive CAXIAS seu primeiro conflito de ordem moral. E por leal-



dade militar, permanece ao lado do Imperador, contra seu pai, as tropas rebeladas e o povo amotinado. Sômente quando o Imperador o desobriga de sua lealdade, dizendo-lhe que siga a sorte de seus camaradas, CAXIAS assim o faz. Mais tarde, no Senado, esclarecerá sua atitude: "O Batalhão do Imperador foi um dos Corpos que chegaram por último ao Campo de Santana, tendo para ali marchado em ordem, conduzido pelo seu comandante, ocupando eu o meu lugar de Major. Marchei, portanto, em virtude de ordem competente; não fui revolucionário. Estimei a abdicação; julguei que era de vantagem para o Brasil, mas não corri direta ou indiretamente para ela".

Com a mesma serenidade, firmeza e lealdade, vai servir a Regência. Ante as desordens e agitações no Rio de Janeiro, CAXIAS salva a situação, criando e organizando o BATALHÃO SAGRADO. Oficiais, como simples soldados, voluntariamente, policiam e guardam a cidade contra conflitos, motins e reuniões ruidosas. Foi o cerne da força policial da cidade, mais tarde criada e posta sob o seu comando.

CAXIAS, a seguir, debela em poucas horas, a rebelião de caráter republicano, capitaneada pelo Major FRIAS. Encontrando o revoltoso em um quarto, lá o deixou, como se o não tivesse visto, sem proferir uma única palavra, sem a menor recriminação.

Esse procedimento facilitou a fuga do Major para os EUA, de onde voltou mais tarde e, ao lado de CAXIAS, prestou relevantes serviços na pacificação do RS e nas campanhas contra ORIBE e ROSAS.

Em 1837, como Tenente-Coronel, vai CAXIAS ao Sul, integrando a comitiva do Ministro da Guerra RÊGO BARROS. Inteira-se do vulto da *Farrroupilha*.

Em 1829 é nomeado para pacificar o MARANHÃO e promovido a Coronel.

Diz-lhe o Ministro: "Eu não fiz hoje um Coronel, fiz o General que há de pacificar o Rio Grande do Sul... Vá criar nome e prestígio no Maranhão e venha para ir pacificar o Sul". Tem início a ação pacificadora de CAXIAS.

#### b. No Maranhão

Em 1839 estala no MARANHÃO a *Balaçada*.

Surgia como reflexo, na província, das questões partidárias e das freqüentes crises de autoridade do governo regencial. A dissidência entre *conservadores* e *liberais* começou por ter o Presidente da Província, nomeado prefeito para algumas vilas. A revolta posteriormente degenerou em tropelias de desordeiros e criminosos, que alastraram o terror, saqueando e destruindo.

CAXIAS foi nomeado Presidente da Província e Comandante das Armas, acumulando, assim, o poder político e militar, anulando as causas dos atritos.



No dia 4 de fevereiro de 1840 chegou a SÃO LUÍS.

Colocou-se à margem da política local.

No final da proclamação que lançou, disse: "Maranhenses! Mais militar que político, eu quero até ignorar os nomes dos partidos que, por desgraça, entre vós existem. Deveis conhecer as necessidades e as vantagens da paz, condição de riqueza e prosperidade dos povos, e confiando na Divina Providência, que tantas vêzes nos tem salvado, espero achar em vós tudo o que fôr mister para o triunfo da nossa santa causa".

Esperavam-no problemas políticos e militares. Os políticos, oriundos do choque entre as autoridades provinciais e as municipais, resultantes do Ato Adicional que cerceava a liberdade do Município em proveito da Província.

Os problemas militares ofereciam um caráter singular, inteiramente fora do esquematismo de uma campanha regular, e mesmo de uma luta de guerrilhas.

Os rebeldes eram malfeitores. Os bandos independentes não se fixavam, supriam-se onde podiam, e tinham como fim arrasar e saquear.

CAXIAS dedicou-se, inicialmente, a organizar e sanear o instrumento militar disponível. Dispensou grande número de oficiais, que se mostravam inúteis e incapazes; pôs em dia o pagamento da tropa e procurou instruí-la. Organizou os serviços de reaprovisionamento e de saúde, mandou instalar depósitos, postos de saúde e um hospital em SÃO LUÍS. Informou-se sobre o inimigo, buscando conhecê-lo em seus efetivos, nos seus estacionamentos, no modo como operavam e nas dissensões que os separavam. Conheceu o terreno, fêz reconhecimentos e mandou abrir estradas para o interior.

Gastou um ano nesses preparativos. Quando iniciou a luta, tinha assegurado as condições materiais do sucesso.

Os rebeldes estavam divididos em vários grupos, com chefes autônomos, que, não raro, se combatiam. Os principais núcleos eram: do BREJO, de CAXIAS (Vale do ITAPECURU) e PASTOS BONS (Vale do PARNAÍBA).

A idéia central que orientou CAXIAS na luta contra os rebeldes foi a de persegui-los tenaz e violentamente, sem deixar-lhes tempo para se refazerem e, simultaneamente, diminuir-lhes a área em que operavam pela ocupação sistemática e permanente dos núcleos populosos em que se apoiavam.

Organizou uma coluna principal, que atuaria contra a cidade de CAXIAS, outra no vale do MEARIM e finalmente outra contra ICATU.

Dividiu suas forças em dois escalões. O primeiro se incumbia de manter o contato com os grupos rebeldes, perseguindo-os. O segundo completava a limpeza das áreas, restabelecia a ordem nas localidades e as guardava permanentemente.



Aproveitando a anistia, concedida pelo Imperador após a maioridade, atraiu vários chefes para seu lado e com eles constituiu novas colunas de perseguição aos recalcitrantes.

Atuando dessa forma, ocupa a cidade de CAXIAS e de BREJO, os principais núcleos rebeldes e em pouco tempo pacificou a Província. Em janeiro de 1841 a luta estava terminada.

O seu plano de operações respondia perfeitamente à qualidade do inimigo e ao terreno. Com a maior rapidez devia isolar os núcleos rebeldes mais importantes, impossibilitando-os de apoiarem-se mutuamente.

Em meio a essa atividade ainda encontrou tempo para estudar problemas básicos da Província.

São suas obras: aumento de efetivo da polícia; execução de várias leis já promulgadas; conserto de igrejas, fortalezas, quartéis, Palácio do Governo, e armazéns de pólvora; limpeza de rios; estabelecimento de colônias de índios; criação de fazendas de lavoura e de povoações; promoção da navegação do ITAPECURU e do MEARIM; melhoramento do porto da capital e abertura de um canal; organização e correção do mapa da Província; construção de pontes e estradas; reorganização dos correios; apoio ao Liceu Maranhense e à Santa Casa, etc.

Concluindo:

CAXIAS demonstrou sua feição nitidamente legal, sendo intransigente no cumprimento das leis. Foi, sobretudo, um magistrado. Coibiu o roubo, o peculato e garantiu a propriedade. Seu espírito de economia e honestidade junto ao seu zelo administrativo levavam-no a fiscalizar pessoalmente os trabalhos e as medidas que visavam ao aumento das fontes de rendas.

Como chefe militar demonstrou:

- capacidade de apreensão da situação, amoldando-se às condições especiais da luta que teria de empreender;

- planejamento das operações, não relegando a montagem do serviço de abastecimento e saúde, que possibilitariam as mesmas;

- sua bondade e tolerância, no trato com os rebeldes, procurando movê-los da luta inglória. Sua energia serena e firme na realização da sua missão pacificadora quando baldados os meios suasórios;

- seu desapêgo louvável às posições de mando e cargos públicos; afastando-se voluntariamente dos mesmos, logo que terminada a missão, revelador de seu caráter modesto e desambicioso.

### c. Em SÃO PAULO

Como causas da revolta que estalou em SÃO PAULO, em 1842, podem ser apontadas:

- a confusão reinante em todo o país, desde a Regência, com a luta pelo poder, entre *liberais* e *conservadores*;



— o reflexo trazido pelo vulto que tomava a revolução *Farroupilha*, no RIO GRANDE DO SUL, já há 7 anos.

A solução pacífica da maioria não foi freio suficiente para amainar a anarquia e as ambições. Continuavam as desavenças partidárias. O pretexto para o reconhecimento da maioria de D. Pedro foi o atribuir-se a causa principal das discórdias e divergências políticas à ausência de um dirigente coroado. O primeiro gabinete do segundo reinado era nitidamente liberal, de vez que fôra este o partido responsável pelo sucesso do golpe da antecipação da maioria. Oito meses mais tarde, porém, são obrigados a deixar o poder. Os liberais, embora contemplados com postos e lugares de mando, não se conformavam com a queda sofrida.

Em suas fileiras militam, na capital como nas províncias, figuras políticas destacadas. Por outro lado, o desrespeito à autoridade imperial era grande e a guerra dos farrapos contribuía para isso. A força máxima do partido liberal residia em S. PAULO e MINAS.

Para a solução armada apresentaram como pretextos:

— A aprovação, pelos conservadores, das leis que visavam a reprimir as revoltas, excessos políticos e violações da tranqüilidade pública e privada. Este fato deu motivo às resoluções que restabeleceram o Conselho de Estado e emendaram o Código de Processo Criminal.

— As alegações de violência e desrespeito nas campanhas eleitorais da Câmara, e mesmo de fraude, como apontavam com exemplos e provas, os candidatos liberais derrotados.

— A dissolução da Câmara, ainda em reuniões preparatórias, sob a alegação de ter havido fraude e violência nas eleições, exacerbou os ânimos, já grandemente exaltados.

O movimento sedicioso de SÃO PAULO irrompe. O Presidente legal da Província, incapaz de fazer face ao motim, solicita o apoio do Governo Imperial.

Antes de decorridas as 24 horas de sua nomeação, CAXIAS já rumava para SANTOS, à frente das tropas.

Tinha por plano:

— agir rápida e decisivamente contra a Capital da Província, ocupando-a com a dupla finalidade: de assegurar a ação de governo, mantendo intatos os órgãos do aparelho político-administrativo; e, dividir, por uma cunha central, os principais núcleos rebeldes de SOROCABA e do vale do PARAÍBA, evitando a sua junção.

— limitar as ações expansivas dos citados núcleos, barrando suas ligações e movimentos face ao *norte*, cobrindo as progressões sobre o RIO DE JANEIRO; e, face ao *sul*, com as tropas legais da comarca do PARANÁ, a fim de evitar articulação e apoio dos farroupilhas;

— posteriormente, operar contra os rebeldes e submetê-los, separada e sucessivamente.



Sua idéia exigia um deslocamento inicial excepcionalmente rápido. Realiza a travessia marítima, galga a Serra de CUBATÃO e chega numa arrancada a SÃO PAULO. Ganhava a batalha estratégica, apesar dos *quatrocentos cadáveres ambulantes* que, no dizer dos rebeldes, levava.

Urgia aprimorar o dispositivo defensivo da cidade, para fazer face a um possível ataque de SOROCABA, e organizar suas tropas para submeter os núcleos rebeldes mais ativos. Na previsão de que o ataque rebelde se fará por PINHEIROS, aí faz recair a defesa principal. Como tem conhecimento de que CAMPINAS ainda não está ocupada, determina sua ocupação.

Os rebeldes, depois de entrarem vitoriosos em ITU, esbarram com as duas grandes resistências de CAXIAS: na ponte de PINHEIROS e em CAMPINAS. Surpresos, mal acreditando na realidade, perdem-se os chefes rebeldes em pequenas escaramuças.

CAXIAS determina o ataque a uma coluna que marcha para CAMPINAS. O encontro dá-se em VENDA GRANDE e é coroado de êxito.

A notícia dessa derrota chega às hostes de FEIJÓ que debandam.

CAXIAS persegue, sem trégua, os retirantes, e entra, sem resistência em SOROCABA. Sua campanha não tinha um mês.

FEIJÓ é os principais chefes revolucionários são presos.

Como era de seu feitio pessoal, CAXIAS trata-os condignamente.

Concluindo:

O levante de SOROCABA resultou do prestígio de alguns vultos, explorando dissensões entre *liberais* e *conservadores* de SÃO PAULO.

A ação militar se desenvolveu contra bandos e não contra tropas do exército de linha.

As escaramuças e o combate de VENDA GRANDE, foram de perdas irrisórias.

Os benefícios para a vida nacional foram grandes: trouxeram a ordem legal à progressista Província que já era SÃO Paulo.

No aspecto militar, ressalta CAXIAS. Seu planejamento é metuculoso. Executa, com energiá e firmeza, a diretriz que se propusera. Organiza-se com oportunidade, na fase defensiva de SÃO PAULO. Usa os princípios fundamentais da surpresa, das informações seguras, da defensiva agressiva e da ofensiva, para obter a destruição do inimigo.

Finalmente, sabe ser *rápido*, na concentração de forças, nos movimentos e na perseguição.

#### d. Em MINAS GERAIS

Os motivos da revolução liberal de MINAS GERAIS, em 1842, foram os mesmos da de SÃO PAULO. Havia comunhão de idéias entre liberais paulistas e mineiros. Os movimentos tiveram estreita articulação. Entretanto, duas particularidades diferenciam a revolução de MINAS da de SOROCABA. O *terreno*, acidentado, torna-se um aliado dos rebeldes.



Os chefes são melhores: agitam profundamente a opinião pública e dão melhor organização à revolta.

A revolução de BARBACENA eclodiu a 10 de junho de 1842. Assume o governo da Província, pelos rebeldes, PINTO COELHO. Deixa-se absorver pelos assuntos burocráticos, em lugar de agir à frente dos revolucionários. Só após uma semana de chefia começa a tomar medidas. Para isolar a Província da Côte, fecha todos os caminhos e incendeia a ponte sobre o PARAIBUNA. Apesar dos insucessos de S. PAULO, os rebeldes de MINAS não desanimam. A revolução vai ganhando terreno, com novas adesões ou vitórias armadas. Na marcha sobre OURO PRÊTO, capital da Província, são tomadas as vilas de QUELUZ, SABARÁ, SANTA BÁRBARA e CAETÊ. Os rebeldes são detidos, na região de SANTA LUZIA, por forças fiéis ao Imperador.

Enquanto isso, o governo imperial tomava medidas enérgicas. Suspende as garantias constitucionais na Côte e nas Províncias do RIO DE JANEIRO e rebeldes. Impede, pela exigência do salvo-conduto, as ligações com os focos revolucionários.

Decreta o domínio da lei militar em SÃO PAULO e MINAS. Detém, no RIO, alguns próceres revolucionários. Fecha a Sociedade Secreta e de incitadores de rebeliões. Mobiliza a Guarda Nacional do RIO.

O plano militar era submeter as rebeliões de MINAS e S. PAULO separada e sucessivamente.

Primeiro a ofensiva é contra S. Paulo, enquanto a fronteira de MINAS é vigiada.

Vencido S. Paulo, os meios são conduzidos para MINAS. CAXIAS detém o comando.

O encargo de organizar as forças, coube à Província do RIO DE JANEIRO. O Marquês do PARANÁ, seu Presidente, concentrou forças. A fronteira é vigiada em 6 pontos, considerados como prováveis de penetração de forças imperiais, formando-se, para isso, 6 colunas.

Breve reconhecem as forças legais que o sul da Província ficara indiferente à sedição e, pelo contrário, se associara ao movimento repressivo. Todas as colunas atravessam, então a fronteira, visando a um objetivo imediato: BARBACENA.

CAXIAS regressa de SÃO PAULO. Sem perda de tempo chega a BARBACENA onde coordena suas forças e organiza o governo militar da cidade. Quer, a todo custo, como fez em S. Paulo, chegar à capital da Província antes dos rebeldes. Chega a OURO PRÊTO, dois dias antes do grosso de suas tropas, realizando a temeridade de passar entre rebeldes. "Passei entre 2.000 rebeldes, escreve, e entrei nesta Capital sem ser incomodado por êles, consequência das forçadíssimas marchas que fiz. Quando os mesmos rebeldes me julgavam em QUELUZ e projetavam atacar a cidade, eu me achava em seus subúrbios".



CAXIAS levava, do RIO a OURO PRÊTO, 11 dias.

Com sua ocupação, a revolução estava virtualmente sufocada.

Os rebeldes desbordam OURO PRÊTO por oeste e fazem junção em CAETÊ, SABARÁ e SANTA BÁRBARA.

Nas proximidades de SANTA LUZIA, no vale do Rio das VELHAS, organizam-se defensivamente. Com o flanco direito apoiado no rio guardam o caminho de SABARÁ ou de LAPA.

CAXIAS marcha para SANTA LUZIA. Na direita segue a coluna do Coronel JOSÉ JOAQUIM DE LIMA E SILVA; no centro a de seu comando; e, na esquerda, os guardas-nacionais do Tenente-Coronel ATHAYDE.

Desconhecedor do terreno e levando em pouca consideração o espírito ofensivo dos rebeldes, quer pelas suas retiradas consecutivas, quer pelo seu abatimento moral, decorrente da rendição de SOROCABA e suas constante propostas de paz, CAXIAS está longe de supor que os mesmos se encontrem dispostos à luta, instalados defensivamente em condições tão favoráveis; que ousem tomar a iniciativa da abertura do fogo.

Na manhã de 20 Agô, a légua e meia de SANTA LUZIA, mal surge na estrada a vanguarda da coluna de CAXIAS, as forças rebeldes rompem fogo. Surpreso, aceita o combate e obriga os rebeldes a um retraimento que é feito em ordem e para boa posição. O combate prossegue. A situação é grave. O irmão de CAXIAS, ouvindo o tiroteio, ao longe, investe a marchas forçadas. CAXIAS realiza uma retirada. Os rebeldes o perseguem e saem de suas excelentes posições. A coluna do Coronel LIMA e SILVA entra em ação. Caxias contra-ataca. Os rebeldes, sentindo-se perdidos, retraem-se. A coluna ATHAYDE tem a missão de cortar a retirada dos rebeldes na ponte sobre o Rio das VELHAS. É batida em combate noturno. Os rebeldes chegam a LAGOA SANTA onde depõem as armas.

Concluindo:

— É de ressaltar a conduta de CAXIAS, procurando, ainda aqui como em S. Paulo, obter de início uma vitória estratégica com a ocupação da Capital da Província.

— No combate de SANTA LUZIA é criticável a ação de comando de CAXIAS ao se descuidar da segurança e das ligações com os comandos de suas principais peças de manobra, e ao desprezar o inimigo; o seu valor moral, porém, fez face às contingências e suplantou os erros cometidos.

— Ressalta-se, finalmente, sua conduta, sempre exemplar, no trato com os vencidos, após a deposição das armas; se se revoltava contra as perseguições políticas, sabia não parlamentar com rebeldes de armas na mão.



## e. No RIO GRANDE DO SUL

A rebelião durava desde 1835 e tinha resistido a todos os esforços do governo para debelá-la. Constituiu-se em um complexo de problemas internos e externos que exigia completa solução.

No manifesto de BENTO GONÇALVES ao povo rio-grandense, a 20 de setembro de 1835, encontram-se as causas da revolução. Ela combateria a má e odiosa administração de um governo inepto e faccioso e teria como objetivo restabelecer o império da lei, sustentar o trono e a integridade do país. Visava pôr fim às prisões e perseguições dos liberais.

Em meio à revolução, NETO lança uma proclamação independentista. O RIO GRANDE não mais suportaria a "prepotência de um governo tirano, arbitrário e cruel".

PIRATINI seria um estado livre republicano.

BENTO GONÇALVES, presidente da república revolucionária, em outro manifesto ratifica as razões apresentadas em 1835. Era um imperativo de honra e sobrevivência. Censura a política externa do Império, seus diplomatas e a política interna do governo central.

Ajudou, assim, a incrementar a luta e as correrias pelo poder na BANDA ORIENTAL. RIVERA e LAVALLEJA eram amigos de BENTO GONÇALVES e BENTO MANOEL. Rio-grandenses e uruguaios se auxiliavam mutuamente, sob um mesmo interesse econômico: a estância.

Seguem-se anos de lutas partidárias, com as seqüências de presidentes de Província nomeados pela Regência, sem capacidade para impor a ordem. CANABARRO, BENTO GONÇALVES e BENTO MANOEL obtêm sucessos e reveses periodicamente. Em 1839, LAGUNA é conquistada e funda-se a *República Juliana*.

A 9 de agosto de 1842, CAXIAS é nomeado Presidente da Província e Comandante das Armas. Chega a PORTO ALEGRE a 9 de novembro e põe imediatamente em execução seu plano. Dentro da diretriz de "agir com energia, sem perder de vista as vantagens de uma hábil pacificação", traçou sua linha de ação político-militar.

A revolução nascera de causas políticas e assim a solução do problema político resolveria também o militar, e uma vitória das armas imperiais só teria efeitos duradouros se acompanhada do desarmamento dos espíritos.

Não hesitou em oferecer ampla anistia; punir qualquer atentado contra a propriedade; incrementar o comércio e a produção; dar assistência às famílias dos combatentes, mesmo adversários.

Angariou, para suas fileiras, em detrimento dos rebeldes, os chefes e os homens que quisessem cooperar com o seu governo, para o bem geral. Logo de início, aumentou suas forças com as de BENTO MANOEL, FRANCISCO PEDRO e outros chefes rebeldes que a ele aderiram.

Aos sentimentos patrióticos dos revolucionários, lançou uma Proclamação, onde dizia: "Não pode tardar, que nos meçamos com os



soldados de ROSAS e de ORIBE, guardemos para então, nossas espadas e nosso sangue. Abracemo-nos, unamo-nos, para marcharmos não peito a peito, mas ombro a ombro, em defesa da Pátria que é nossa mãe comum”.

Como sempre, adotou a estratégia mais adequada às circunstâncias.

Buscou isolar os rebeldes de suas fontes de suprimento nas repúblicas platinas. Procurou ocupar progressivamente os pontos principais, da zona de influência dos rebeldes e vigiar a fronteira, de modo a enfraquecê-los, restringindo suas possibilidades de receberem ajuda.

Providenciou para que os rebeldes não se pudessem mais utilizar dos centros mais populosos da Província. Dividiu a sua força e procurou ativamente os adversários. Logrou recalá-los sobre a fronteira, donde eles se afastavam e a que de novo voltavam, para se pôr a salvo.

Organizou e equipou suas forças, de modo a torná-las mais aptas à guerra de movimento. Montou a Infantaria para lhe dar ampla mobilidade.

Deixou guarnições em PÔRTO ALEGRE e na Cidade do RIO GRANDE e canhoneiras patrulhando a Lagoa dos PATOS.

Concentrou o grosso das forças que reuniu no Passo de S. LOURENÇO e comandou uma ousada expedição, que trouxe para essa região a remonta adquirida no URUGUAI e que estava no S. GONÇALO, atravessando a zona de influência dos rebeldes.

Em seguida lançou-se em busca do grupo principal dos rebeldes que estava nas proximidades do Passo do ROSÁRIO.

Seguindo para SÃO GABRIEL, CAXIAS investe pela campanha gaúcha, sem ser importunado.

Tem, então, a convicção de que os rebeldes não lhe querem dar combate. Será difícil obrigá-los a aceitar uma batalha decisiva.

Disposto a provocar os revoltosos, aligeira uma coluna de 4 mil homens, deixando as bagagens em S. GABRIEL. Marcha para ALEGRETE, para “alcançar essas aves que voam pelo campo”, segundo sua expressão.

Os rebeldes furtam-se ao combate, internando-se no URUGUAI, por LIVRAMENTO.

CAXIAS aproveitou a oportunidade para ir receber no URUGUAI a remonta que encomendara.

Os revoltosos rumam para BAGÉ e daí para S. GABRIEL onde atacam de *surpresa* a cidade, guardada por 2 mil homens do Coronel JACINTO.

O golpe é coroado de êxito, a cavalcada arrebanhada e a cidade saqueada.

CAXIAS, ao ter conhecimento, cõtramarcha. Cobre 24 léguas em 48 horas. Prende o coronel.



Para prosseguir as operações, divide suas tropas em duas fôrças: uma sob seu comando direto e a outra sob o de BENTO MANOEL.

Vislumbaram, então, os rebeldes, a vantagem de se reunirem todos, sigilosamente, e, aproveitando a separação dos legais em dois grupos, caírem em massa sôbre um dêles, para o aniquilar. Elegeram o de BENTO MANOEL.

Trava-se o combate em PONCHE VERDE.

Após 2 horas de peleja, ambos os contendores renunciaram a continuá-la, cada um atribuindo a si a vitória. Mas BENTO MANOEL, informa a CAXIAS que foi "uma batalha bem parecida à que houve no PASSO DO ROSÁRIO, em 1827".

PONCHE VERDE foi um esforço supremo de estratégia, para moralizar a causa republicana, desmoralizar as armas imperiais e obrigar CAXIAS a cessar as operações de inverno e recolher-se a alguma cidade, como seus adversários.

As tropas farroupilhas, não podendo se impor em ações de larga envergadura, passam a incursões rápidas e isoladas, na campanha gaúcha. Furtam-se ao combate e à perseguição no território uruguaio.

CAXIAS procura um ponto central e vai para as margens do JAGUARI. Estabelece seu quartel de inverno, com barracas de palha para hospital e depósitos para a bagagem e a artilharia. Era sua intenção continuar a perseguir o adversário durante o inverno. Não o deixaria repousar, conservar as cavalhadas em internadas fixas, nem licenciar sua gente, como de costume.

A flutuação dos efetivos dos rebeldes era grande. Após a realização de um feito d'armas os homens ou eram licenciados ou desapareciam por conta própria, para atender às lides agrícolas.

Os rebeldes não se fixavam nem ocupavam posições definidas.

CAXIAS busca sempre a destruição do inimigo e este consegue escapar-se sempre.

Como os farrapos se aproveitam da grande permeabilidade do terreno, CAXIAS começa a ocupar as povoações.

Ao findar 1843, era já dono de PELOTAS, CAÇAPAVA, ALEGRETE e CRUZ ALTA. À medida que o exército imperial avançava e obtinha vantagens e que o inimigo se enfraquecia e dividia, iam sendo ocupadas as principais vilas, já que não havia inconveniente, também para os legais, em se dividirem.

Em princípios de 1844, CAXIAS instala seu QG em S. GABRIEL. Em busca dos rebeldes percorre toda a linha de fronteira sul.

CANABARRO entra novamente no RIO GRANDE, em CANDIOTA e alcança JAGUARÃO. Tem lugar, então, a surpresa de PORÓNGOS, em que FRANCISCO PEDRO parece surpreender CANABARRO. PORÓNGOS apressou os entendimentos para a paz.

Depois de concessões mútuas, firmou-se a paz, tendo o Presidente Interino da República declarado: "A República rio-grandense deixava



de existir, não por falta de elementos para sustentar-se, mas devido a política conciliatória de CAXIAS"; a que CANABARRO, fêz eco, dizendo "União, fraternidade, respeito às leis e eterna gratidão ao ínclito Presidente da Província, o Ilmo. e Exmo. Sr. Barão de CAXIAS pelos afanos esforços que há feito na pacificação da Província".

A 1 de março de 1845, CAXIAS lançava a sua Proclamação, dando por finda a guerra. "Uma só vontade nos una, rio-grandenses. Maldição eterna a quem ousar recordar das nossas dissensões passadas. União e tranqüilidade seja de hoje em diante nossa divisa".

Mais tarde, nas campanhas platinas, recrutou seus principais chefes entre os farrapos.

Este foi o seu último ato de consolidação interna do Império.

Concluindo:

Na *Revolução Farroupilha* destaca-se CAXIAS, ainda, por sua admirável organização administrativa e militar.

Procura a forma de combate mais adequada a sua missão: se o inimigo se divide, divide-se êle; se se aligeira, aligeira-se êle; se reúne as suas forças, reúne as dêle. Age com rapidez e energia nas suas missões. Se custa a vencer é porque não consegue isolar o inimigo das repúblicas platinas. ROSAS é inimigo declarado do Império. ORIBE cerca o governo legal, em MONTEVIDÉU, RIVERA age por conta própria, ajuda os Farrapos, de quem espera ajuda, nas tropelias contra ORIBE.

Revela CAXIAS sua paciência em tentar negociar durante dois anos a paz com os rebeldes; sua coerência de atitudes, em não parlamentar com rebeldes de armas na mão, no que cedeu, em parte, premido pelo Governo Imperial e para não prolongar a revolução, embora afirmasse constantemente, que perseguiria os rebeldes enquanto de armas na mão, e que não aceitaria nenhuma proposta de paz que não tivesse por base a deposição das armas.

Vencedor mantém a dignidade de sempre, no trato com os vencidos.

Como Presidente da Província do RIO GRANDE DO SUL, a preocupação de CAXIAS, dirige-se para as vias de comunicação.

Preconiza a abertura da barra do Canal de SÃO GONÇALO; a melhoria do Canal da Barra do RIO GRANDE; a destruição das cachoeiras que dificultam a navegação do JACUÍ; e a limpeza do VACACAÍ até S. GABRIEL.

Acrescenta ainda: "Para que seja navegável todo o interior da Província, bastaria, por meio de um canal, estabelecer-se a comunicação do VACACAÍ ao Rio SANTA MARIA, desde S. GABRIEL até o passo de S. BORJA ou da LAGOA".

Levado por seu admirável espírito público, procura fomentar o progresso da Província onde, eventualmente, exercia o poder civil e na verdade se encontrava em virtude de fatos militares.



Tão bem se desincumbe que em 1845 entra para o Senado, como uma recompensa aos grandes serviços ao RIO GRANDE.

f. *Como homem público*

(1) Presidente do Conselho:

Com a morte de PARANÁ, a 3 de setembro de 1856, CAXIAS assume a presidência do Conselho, até 4 de maio de 57, quando se dilui o Gabinete.

Sua conduta é coerente, imparcial, apartidária.

Em 1861, volta ao poder, já então como organizador do Gabinete de 2 de março. Traça sua orientação em discurso no Senado: "Os meus colegas e eu somos conhecidos... Entendo que, presentemente, o País quer, sobretudo, a rigorosa observância da Constituição e das leis e a mais severa e discreta economia dos dinheiros públicos, atentas às circunstâncias do nosso atual estado financeiro. Os atos, Senhores, devem valer mais que as palavras, e peço a todos que nos julguem por nossos atos".

Era um programa incolor, sem promessas ilusórias, sem sugerir reformas; era, entretanto, na realidade, um programa de UNIÃO, procurando remover divergências antigas.

Ao deixar o Gabinete, o faz serenamente, modestamente, acompanhando na adversidade os seus amigos e entregando o governo aos liberais.

Em 1875, volta à Presidência.

"Estou, minha cara filha, apesar de todos os meus protestos em contrário, outra vez Ministro da Guerra e Presidente do Conselho."

Ao se apresentar na Câmara diz: "O nosso programa é o seguinte: manter a paz externa, sem quebra da dignidade e direitos do Império; seremos moderados e justos, observando religiosamente as leis e resolvendo as questões internas com ânimo desprevenido. Continuaremos a desenvolver a educação e o ensino popular e procuraremos obter as providências que podem caber no tempo da presente sessão legislativa. Entre elas mencionarei o orçamento, os auxílios à lavoura e a reforma eleitoral. E por último declararei que, se este Ministério tiver a honra de presidir as próximas eleições gerais, fará quanto couber na sua legítima ação para que a liberdade do voto seja sinceramente mantida. É este o pensamento com que aceitamos o poder nas atuais circunstâncias".

Sua linguagem é sóbria e discreta e deixa antever o pensamento político de apaziguar os conservadores, em



cujas fileiras lavravam fundas discórdias; e, nesse particular, teve êxito completo.

Na célebre questão religiosa, é CAXIAS o salvador da situação. Propõe e obtém do Imperador a anistia, dando liberdade aos Prelados e "restituindo as lâmpadas aos santuários".

(2) Ministro da Guerra:

Assumiu pela primeira vez a Pasta da Guerra entre 14 de junho de 1855 e 4 de maio de 1857.

Demonstrando seu alto espírito de justiça, atacou desde logo o problema capital das promoções dos oficiais.

Em seu primeiro Relatório ufana-se de ter efetuado cêrca de 300 promoções e não ter aparecido nenhuma reclamação por preterição sofrida.

Na *Justiça Militar*, mostrando os inconvenientes das Juntas de Justiça, órgãos de segunda instância, extingue-as nas Províncias, centralizando no Conselho Superior Militar, os recursos de apelação. Estabeleceu normas para a constituição dos Conselhos de Inquirição, que julgavam e reformavam os oficiais de mau comportamento habitual. A tais Conselhos, que se reuniam em Província diversa da do oficial e o julgavam sem o ouvir, CAXIAS cerceou o arbítrio e a prepotência, estabelecendo normas de julgamento, formulários e o processo regular, visando a harmonizar disciplina e direito de defesa.

No *Ensino Militar* reformou as condições exigidas nas provas de admissão à Escola Militar, obrigando os candidatos a maiores conhecimentos. Dando incremento à instrução prática, transferiu a Escola do Largo de S. FRANCISCO para a Fortaleza da PRAIA VERMELHA e ligou-a, por um caminho, à Fortaleza de S. JOÃO. Dotou-a de área para exercícios de tiro e manobras, nos terrenos do Salitre, junto à Lagoa RODRIGO DE FREITAS.

Tomou medidas para melhorar o nível da instrução prática.

Visando a unificar e remodelar os *regulamentos* militares adotados, que apresentam diversidade de doutrina, por que oriundos de várias fontes, propõe CAXIAS o estudo de tática elementar das três Armas, usada no Exército Português. Diz êle: "Enquanto se não organiza uma tática elementar privativamente nossa, em harmonia com as circunstâncias peculiares ao nosso Exército e com a natureza de nossas guerras".

Na *Administração Militar*, criou os conselhos econômicos das Unidades e Estabelecimentos visando a abolir



por criminosas as “caixas particulares”, feitas com as economias do rancho, da banda de música e da forragem. Estabelece o modo como devem ser aplicadas tais economias sem lesão à fazenda pública e às praças, mas em benefício da unidade e bem-estar geral dos soldados.

Na época, todos os negócios do Exército eram dirigidos direta e exclusivamente pelos Ministros da Guerra, figuras geralmente políticas, flutuantes, e, por isso mesmo, na maioria dos casos, pouco conhecedores dos problemas militares. CAXIAS cria uma repartição estável, incumbida realmente da direção do Exército. Ela asseguraria a unidade de doutrina e ação, enquanto os ministros defenderiam os interesses do Exército, perante o Parlamento. Cria-se, assim, a *Ajudância Geral do Exército*, embrião do Estado-Maior do Exército.

A 2 de março de 1861 CAXIAS foi incumbido de organizar o novo Gabinete. Se, da primeira vez, era o Ministro da Guerra que também exercia as funções de Presidente do Conselho, agora é o Presidente do Conselho que também é Ministro da Guerra (3 de março de 1861 — 24 de maio de 1862).

São obras suas, na segunda gestão como Ministro:

- manda adotar as ordenanças portuguesas, com as modificações necessárias, no estudo e execução da tática elementar das 3 Armas;

- adota o “Regulamento Correccional das Transgressões da Disciplina”, derogando os regulamentos do Conde de LIPPE, adotados a quase um século, mas “em formal antagonismo com as instituições que nos regem”, como diz;

- manda unificar o armamento das Unidades que eram diversos e irregulares. Arma os Corpos de Tropa com espingardas “Minié” e a Guarda Nacional com as pederneiras transformadas para percussão. Faz recolher ao Arsenal de Guerra, para serem raiados, os canhões de bronze.

- manda realizar trabalhos geográficos e cartográficos do porto de RECIFE e do de TAMANDARÉ;

- manda estudar e apresentar os projetos do Código Penal Militar e do Código do Processo Penal Militar;

- submete ao Congresso o projeto da conscrição para o Serviço Militar em caráter obrigatório para os nacionais e excluindo os estrangeiros por prejudiciais, acrescentando: “é o único meio de conservar no Império um Exército, ainda que pequeno, mas o indispensável para a sua defesa”;



— bateu-se pela criação de um COLÉGIO MILITAR, para os filhos dos heróis que pelejaram ou morreram nos campos de batalha, idéia que só mais tarde foi concretizada;

— também pugnou pela criação de COLÔNIAS MILITARES no vasto território brasileiro, a fim de incrementar o desenvolvimento populacional, garantir a ordem, e contribuir para a instrução e progresso locais.

Assume, pela terceira vez, a Presidência do Conselho, exercendo cumulativamente o cargo de Ministro da Guerra entre 25 de junho de 1875 e 1 de maio de 1878.

São obras de seu terceiro período:

— a adoção de novo armamento para as unidades das Armas:

— o COMBLAIN, para a Infantaria;

— a clavina SPENCER, para a Cavalaria;

— a WINCHESTER, para as tropas que regressavam do PARAGUAI;

— o material KRUPP, para a Artilharia a Cavalo;

— o canhão WHITWORTH, para as fortalezas.

— melhora das instalações do Laboratório Pirotécnico do Campinho e do Arsenal de Guerra;

— a aplicação de reparos de ferro nos canhões LA HITTE;

— inaugura a fábrica de pólvora de COXIPÓ (MT);

— manda construir e guarnecer as fortificações de TABATINGA, CORUMBÁ e URUGUAIANA;

— suspende a execução da Lei do Sorteio Militar em face de suas deficiências. Os trabalhos de alistamento provocaram graves distúrbios. Era impossível determinar o contingente proporcional com que cada Província deveria concorrer, pela precariedade de dados censitários;

— amplia a Escola Militar, para elevar o número de matrículas e possibilitar o preenchimento dos claros de oficiais subalternos do Exército. Organiza os gabinetes de mineralogia, botânica e amplia os de química e física;

— cria as Companhias de Aprendizes Militares, com o acesso dos mais capazes à Escola Militar;

— baixa o "Regulamento para a disciplina e serviço interno dos Corpos arregimentados em quartéis fixos", origem do RISG;



— organiza nos Batalhões de Engenharia as Cias de Telegrafistas Militares;

— Cria o Corpo de Transportes;

— dá apoio ao Serviço de Saúde, promovendo a autonomia do Laboratório Químico Farmacêutico; dando instalações adequadas ao Hospital do Andaraí, no Rio, da Bahia e do Pará;

— resolve pelo arrendamento da Fazenda do SAICAN, devido à epizootia que infestava a região;

— resolve a questão proposta por fornecedores argentinos, após a campanha do PARAGUAI, defendendo os cofres nacionais, mas reconhecendo as dívidas fundadas.

### (3) Conselheiro de Estado:

O CONSELHO DE ESTADO, recriado em 1841, foi a instituição mais séria e respeitável de quantas existiram; funcionou ininterruptamente, com raro brilho, até a dissolução, em 1889. Era composto de 12 Conselheiros vitálicos ordinários e até 12 extraordinários, cujas reuniões eram presididas pessoalmente pelo Imperador. Esses cidadãos eram escolhidos entre os brasileiros de maior sabedoria e de reputação ilibada.

Era um órgão aconselhador do Monarca nas questões entre os Podêres, nos casos de declaração de guerra, ajustes de paz, negociações com nações estrangeiras, presas de guerra, indenizações, conflitos entre autoridades administrativas e judiciais, questões eclesiásticas, propostas e instruções para a boa execução das leis vigentes.

CAXIAS ingressou no CONSELHO DE ESTADO em 1870, onde teve ocasião de oferecer importantes pareceres.

CAXIAS aparece, no cenário político-militar do BRASIL, desde a independência até 1880. São 58 anos de vida pública. Sua espada reafirma o prestígio da função militar, mantém a unidade nacional e o respeito externo.

\* \* \*

(Para o presente trabalho de compilação foram utilizados, entre outros, trabalhos dos seguintes autores:

A. Tavares de Lyra, Affonso de Carvalho, Escragnole Dória, E. Vilhena de Moraes, Flamarion Barreto, José Faustino da Silva, Pinto de Campos, Paulo José Brandão, Rubem Jobim e Souza Docca).